

## **A TRIÁDE SOCIAL: convergências e divergências conceituais**

**JOSÉ EDNILSON MATOS JÚNIOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

**MARIA CONCEIÇÃO MELO SILVA LUFT**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

**VERUSCHKA VIEIRA FRANCA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

**RODRIGO MASCARENHAS AMORIM**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

Agradecimento à orgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

# A TRÍADE SOCIAL: convergências e divergências conceituais

## 1 INTRODUÇÃO

No atual cenário mundial, caracterizado por grandes problemáticas, como desigualdades sociais na distribuição de rendas, nas oportunidades de emprego, no acesso aos direitos básicos que garantem a dignidade humana – educação, saúde, moradia, saneamento, entre outras; onde as organizações, governos e entidades privadas, são lentas ou não agem para apoiar as comunidades (ROCHA *et al*, 2017), e as atuais estruturas governamentais não conseguem mais resolver todas essas questões existentes (BARBOSA *et al*, 2019), o Estado deixa de ser o único agente responsável pela elaboração de políticas públicas voltadas às principais necessidades da população (CORREIA; OLIVEIRA; GOMÉZ, 2018).

E é justamente este cenário complexo que tem impulsionado iniciativas de busca por tecnologias, inovações e atitudes empreendedoras que promovam soluções para esses problemas, gerando transformação social (PRIM; DANDOLINI; SILVA, 2019), uma vez que os problemas sociais passam a ser desafios que mobilizam toda a sociedade (FRANZONI; SILVA, 2016), que planeja e executa ações (CORREIA; OLIVEIRA; GOMÉZ, 2018) de forma a resolver disparidades fundamentais, por meio de inovações sociais que contribuam para melhorar o bem estar social (ROCHA *et al*, 2017).

A busca pela resolução de problemas sociais não é um tópico novo (BARBOSA *et al*, 2019), apesar de ganhar mais relevância nos estudos organizacionais na última década, com crescimento significativo no número de pesquisas cujo propósito está relacionado às mudanças sociais (BATAGLIN, 2019), que tende a continuar ganhando destaque nos próximos anos (SOUSA; SEGATTO; DA SILVA, 2017), ainda é preciso ampliar o entendimento para além da inovação tecnológica que envolve processos e produtos de base tecnológica e considerar novas formas de organização da sociedade como modelos de inovação que buscam a satisfação das necessidades humanas (GOMEZ *et al*, 2014).

Diante disso, a atuação do que nesse estudo denomina-se como ‘tríade social’ é a implementação de três grandes eixos sociais (a tecnologia, a inovação e o empreendedorismo social) a partir do propósito maior de promover soluções que possibilitem uma melhoria da qualidade de vida dos cidadãos (ZAHRA *et al*. 2009; GOMEZ *et al*. 2014; MACKE *et al*. 2018; GANDHI; TEIXEIRA, 2019). Em linhas gerais, a inovação social é o processo para gerar soluções a problemáticas sociais (GOMEZ *et al*. 2014), a tecnologia social se apresenta como a ferramenta, o instrumental, o método para que a inovação aconteça e possa gerar as soluções necessárias (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004; ITS, 2007; FRANZONI; SILVA, 2016) e o empreendedorismo social se apresenta como a estratégia que irá prover os recursos necessários para a implementação da inovação (ITELVINO *et al*. 2018; GANDHI; TEIXEIRA, 2019).

Porém, apesar dessas definições acima apresentadas, há uma grande dificuldade conceitual quando se trata de inovação, tecnologia e empreendedorismo social, provocada pelas incertezas naturais de um campo de estudo que ainda está em construção (GOMEZ, *et al*, 2014; MEDEIROS, 2017) caracterizado pela interdisciplinaridade e a polissemia (BATAGLIN, *et al*. 2019), ou seja, a existência de uma grande quantidade de estudiosos de diversas áreas de

atuação, com diversos e divergentes conceitos faz com que haja uma fragilidade ainda muito observada quanto às escolhas teóricas que envolvem os três 3 (três) eixos supracitados (GOMEZ *et al.* 2014; SILVEIRA; ZILBER, 2017; ROCHA *et al.* 2017; BATAGLIN *et al.* 2019). Diante desse cenário, surge um questionamento que norteará todo esse estudo: **Quais as semelhanças e divergências nos conceitos que compõem o arcabouço teórico da tríade social – inovação, tecnologia e empreendedorismo social?**

Compreender a tríade social, realizando um paralelo com as premissas TS, IS e ES, torna-se relevante na busca de conhecer as semelhanças e dessemelhanças disponíveis para os três termos, visto que, cada qual tem alcançado desempenho satisfatório no que diz respeito às problemáticas e necessidades sociais. Portanto, o **objetivo** dessa pesquisa é analisar as convergências e divergências dos conceitos de inovação, tecnologia e empreendedorismo social. Sendo justificada pela relevância e necessidade de uma maior compreensão sobre os termos que formam a tríade social, mas, sobretudo, a relação entre os eixos, uma vez que essa discussão ainda é incipiente, num campo de estudo que ainda está em construção.

Em termos estruturais esse artigo está organizado da seguinte maneira: 1) Introdução – etapa que faz uma contextualização da temática e problemática, e explicita o que se pretende analisar; 2) Fundamentação Teórica – corpo do trabalho que aborda os principais conceitos sobre os fatores que compõem a temática em análise; 3) Metodologia - breve relato dos métodos escolhidos e procedimentos necessários para a realização do estudo; 4) Análise e Discussões dos Resultados - traz as discussões teóricas e análises necessárias para o alcance do objetivo desse estudo; 5) Considerações finais – faz um apanhado geral do trabalho e relata as conclusões e contribuições da pesquisa realizada.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Essa seção é composta pela discussão das bases teóricas que fundamentam esse estudo de modo que contribuem para a compreensão do leitor e também para o alcance dos objetivos para o qual esse estudo fora estabelecido. Para tanto serão abordados, de forma sucinta e objetiva, temas como inovação tecnológica e inovação social, tecnologia convencional e tecnologia social, empreendedorismo corporativo e empreendedorismo social, a fim de promover a compreensão sobre os conceitos apresentados de forma isolada, para depois analisar quais as congruências e convergências, oriundas da relação existente entre os termos que compõem a ‘tríade social’.

Vale ressaltar que diante do cenário de grande variedade de conceitos e autores divergentes entre si quanto as definições desses termos (sendo este um dos grandes empecilhos para uma análise mais efetiva) considerando, inclusive, esses campos de estudo em estágios diferentes de ‘construção’ (GOMEZ *et al.* 2014; SILVEIRA; ZILBER, 2017; ROCHA *et al.* 2017; BATAGLIN *et al.* 2019) para fins dessa pesquisa foram realizadas escolhas teóricas que proporcionem um arcabouço teórico capaz de discutir pontos fundamentais dessa relação aqui proposta. A seguir serão expostos esses conceitos.

### **2.1 Inovação Social (IS)**

A inovação foi, por um tempo considerável, abordada apenas pela perspectiva econômica e tecnológica, em estudos direcionados às organizações privadas, no entanto, nos dias atuais, observa-se um movimento de direcionamento das pesquisas em inovação, ao menos em parte delas, para a perspectiva social (FRANZONI; SILVA, 2016).

Dessa forma, quando o assunto é inovação, vários autores reconhecem que há uma diversidade de conceitos na literatura, sem que haja um consenso na definição da mesma (SILVA; CAVALCANTE, 2019), porém, apesar da polissemia e interdisciplinaridade que caracterizam a inovação (BATAGLIN, *et al.* 2019), existe um direcionamento promulgado por Schumpeter (1982) que considera a inovação como sendo fator vital para o desenvolvimento econômico organizacional (OCDE, 2004; BATAGLIN *et al.* 2019). Conceito esse validado empiricamente no estudo de Da Silva Neto e Teixeira (2011), além de fundamentado em outros estudos que demonstram que as empresas que são consideradas mais inovadoras faturam mais que as empresas não inovadoras (SEBRAE, 2009).

Enquanto a inovação tecnológica está inserida nesse contexto de competitividade e lucratividade organizacional, a inovação social surge em meados do século XX voltada para campos de atuação como emprego, qualificação e segurança social (GOMEZ, *et al.* 2014), configurando-se como um fenômeno coletivo a fim de promover soluções para os problemas sociais contemporâneos e assim possibilitar melhores condições de vida humana para as sociedades menos favorecidas (CLOUTIER, 2003; POL; VILLE, 2009; CAJAIBASANTANA, 2014; FRANZONI; SILVA, 2016; SOUZA, 2017; BATAGLIN, *et al.* 2019).

Para Medeiros (2017), a crescente preocupação com a inovação social ocorre em um contexto em que os olhares dos pesquisadores e profissionais enxergam para além das esferas econômica e tecnológica. Bignetti (2011), por sua vez, complementa que a problematização das questões sociais exige novas respostas dos diversos setores da sociedade e a inovação passa a ser um ponto crucial no debate. Portanto, um tema emergente de pesquisa, com carência de estudos, principalmente como uma forma de enfrentamento aos problemas da sociedade (MEDEIROS, 2017), sendo consenso entre diversos autores que a inovação social é uma área multidisciplinar que gera benefícios sociais (SILVEIRA; ZILBER, 2015).

Segundo Rocha *et al.* (2017), para melhor compreender a inovação social, faz-se necessário distinguir os conceitos desta com a inovação tecnológica, para tanto os mesmos autores, baseados em Bignetti (2011), elaboraram cinco pontos de distinção entre as inovações supracitadas, contidos no Quadro 1.

**Quadro 1 – Diferenças entre Inovação Tecnológica (IT) e Inovação Social (IS)**

Elemento Distintivo	Inovação	
	Tecnológica	Social
<b>Valor</b>	Apropriação de valor e interesses econômicos;	Criação de valor para atendimento de interesses de grupos e comunidades sociais vulneráveis;
<b>Estratégia</b>	Busca vantagens competitivas;	Busca resolver questões sociais;
<b>Lócus</b>	Desenvolvimento de processos e produtos que visam as estratégias de diferenciação no mercado;	Ações comunitárias;

<b>Processo</b>	Desenvolve-se através de etapas sequenciais definidas e controladas por ferramentas de gestão específicas;	Desenvolve-se com a participação dos beneficiários e dos atores da comunidade durante todo o projeto, sendo um processo de construção social e geração de soluções através da cooperação e aprendizado entre todos os atores envolvidos para formação de novas relações sociais;
<b>Difusão do conhecimento</b>	Mecanismos de proteção intelectual procuram impedir que uma ideia ou uma tecnologia desenvolvida e aplicada por uma empresa possa ser copiada e utilizada por concorrentes;	Seguem mecanismos de difusão que favorecem a replicação e a expansão dos resultados a outras comunidades;

**Fonte:** Elaborado por Rocha et al. (2017) a partir de Bignetti (2011)

A partir dessa distinção, fica evidente a definição da inovação social, com o foco na resolução de questões sociais para promover melhoria de vida para grupos sociais como o grande diferencial entre as inovações analisadas. Características que são encontradas em diversos conceitos apresentados por diversos autores, como por exemplo, Mulgan, Tucker e Sanders (2007), afirmam que a inovação social se configura, por meio da concepção de ideias e das práticas que buscam satisfazer objetivos e necessidades sociais.

Nessa direção, na busca da satisfação dos objetivos sociais, emerge a coletividade. Para Westley e Antadze (2010), a inovação social na busca pela resolução de problemas sociais e ambientais, promove o envolvimento da coletividade, por meio da sensibilização de organizações, instituições e indivíduos cidadãos, ou seja, um trabalho construído com a participação efetiva de vários atores. Corroboram essa ideia, Murray; Caulier-Grice e Mulgan (2010), que complementam que a inovação social utiliza-se da colaboração e cooperação para tratar de temas críticos não solucionados pelas políticas públicas vigentes e que afetam diretamente o bem-estar social.

Nessa perspectiva, a inovação social é a concepção e prática de ideias que buscam satisfazer objetivos e necessidades sociais, sendo: (I) resultante da conjunção de elementos e necessidades existentes na sociedade; (II) praticada, também, fora das organizações, e não limitada a setores ou atividades sociais específicas; e (III) fomentadora de novas modalidades de relações sociais entre indivíduos e organizações para propagação de inovações e soluções (MULGAN, TUCKER; SANDERS, 2007), tendo como características: uma necessidade, uma solução eficaz, o benefício, o nível individual, organizacional ou societário (GEISER; PARISOTTO; FERRARI, 2017).

Portanto, a IS é focada em valores, aspirações e na criação de um novo significado para um determinado grupo de pessoas, mediante estratégias para a superação dos desafios da sociedade contemporânea, por meio de um processo de construção social a partir de variadas formas de ações coletivas (GOMEZ *et al*, 2014), sendo a prática de difusão do conhecimento adquirido entre grupos uma prática comum, muito incentivada pelos centros de inovação social, redes organizacionais e fóruns de debates (SILVA; CAVALCANTE, 2019).

A esses valores e estratégias, Nicholls e Murdock (2012) classificam a IS em três categorias, sendo **incremental** quando é capaz de identificar as falhas existentes na sociedade e propor efetivas soluções; **institucional** quando há a necessidade de uma reestruturação de padrões

resultando na criação de novos valores sociais; e **disruptiva** quando há uma mudança sistêmica da estrutura social tornando os processos mais simples e acessíveis.

O conjunto dessas categorias apresentadas reforça a compreensão da inovação social como um processo no qual, Da Silva; Segatto e De Carli (2019) definem como conjunto de atividades que são desenvolvidas durante o período de sua concepção até a sua implementação para o atingimento de um objetivo anteriormente estabelecido, ou seja, a resolução de um problema social, previamente identificado.

## 2.2 Tecnologia Social (TS)

Seguindo a linha de raciocínio exposto na seção anterior, em que para melhor compreender a inovação social foi necessário distingui-la dos conceitos da inovação tecnológica, aqui também sugere-se fazer distinção entre os conceitos da tecnologia convencional (TC) e a tecnologia social (TS). Para tanto, entende-se que a tecnologia convencional é criada como uma possibilidade de desenvolvimento tecnológico, que tem seu foco em produtos para serem aplicados no ambiente mercadológico, sendo uma tecnologia tida como capitalista, por permitir às organizações reduzirem seus custos e incrementarem valor aos seus negócios (FONSECA, 2010; DAGNINO, 2014; BAPTISTA, 2019).

Por outro lado, a tecnologia social, que teve o seu termo originado no Brasil por volta dos anos 2000, busca suprir uma demanda oriunda de uma problemática social, pautada na construção coletiva, valorizando a interação da sociedade na busca por soluções para os problemas de ordens ambientais, econômicas, sociais e políticas, objetivando a inclusão social e a emancipação do indivíduo (BAVA, 2004; FONSECA, 2010; DAGNINO, 2014; VALADÃO; ANDRADE, 2015). A seguir no Quadro 2, serão expostas as principais diferenças entre a TC e a TS, trazidas por Dagnino (2014).

**Quadro 2 – Diferenças entre Tecnologia Convencional (TC) e Tecnologia Social (TS)**

<b>Tecnologia Convencional (TC)</b>	<b>Tecnologia Social (TS)</b>
1) Segmentada	1) Adaptada
2) Maximiza a produtividade	2) Dá autonomia financeira; Promove a qualidade de vida.
3) É orientada pelo mercado externo	3) É orientada à sociedade
4) Hierarquizada	4) Democrática
5) Monopolizada	5) Não discriminatória

**Fonte:** Adaptado a partir de Dagnino (2014)

As diferenças apresentadas entre a TC e a TS, direcionam trilhas para a tecnologia social, que são: compromisso com a transformação social; criação de um espaço de descoberta de demandas e necessidades sociais; relevância e eficácia social; sustentabilidade socioambiental e econômica; inovação; organização e sistematização; acessibilidade e apropriação de tecnologias; processo pedagógico para todos os envolvidos; diálogo entre os diferentes saberes; difusão e ação educativa; processos participativos de planejamento, acompanhamento e avaliação; e construção cidadã do processo democrático (ITS, 2007; FRANZONI; SILVA, 2016). Tais trilhas demonstram o quanto a TS é orientada à sociedade e busca atender as demandas sociais, adaptando-se à realidade em que está inserida para promover qualidade de

vida, e gerar, inclusive, autonomia financeira, gerando a democratização, tal como reforça o Quadro 2.

Diante desse contexto amplo que envolve a TS, O Instituto de Tecnologia Social (ITS) junto com o Centro Brasileiro de Referência em Tecnologia Social (CBRTS) traz uma das principais definições, afirmando que a TS é “o conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS, 2004, p. 26). Vale ressaltar a importância da interação e apropriação, tal como apresenta o Quadro 3, algumas percepções sobre características da tecnologia social, envolvendo os dois elementos essenciais do conceito da TS adotado para as análises a serem realizadas nesse estudo.

**Quadro 3 – Características da Tecnologia Social (TS)**

<b>Autor</b>	<b>Características da Tecnologia Social</b>	<b>Elementos Essenciais do Conceito</b>
Almeida (2010)	É um instrumento pedagógico, todos aprendem no construir das soluções.	Interação
Dagnino (2004)	Adaptada a pequeno tamanho físico e financeiro; não discriminatória (patrão x empregado); orientada para o mercado interno de massa.	Apropriação
	Liberadora do potencial e da criatividade do produtor direto; Capaz de viabilizar economicamente empreendimentos auto gestionários e pequenas empresas.	
Fonseca (2010)	Em vez da apropriação privada do resultado, com ganhos privados, considera a apropriação coletiva dos resultados.	Apropriação
Pena (2010)	Solução que agrega processos de aprendizagem, nascem da criatividade e do processo de amadurecimento das forças sociais e produtivas, construídas por brasileiros que acreditam que é possível transformar o Brasil em um país menos desigual e mais solidário, sendo assim as políticas públicas dirigidas para o desenvolvimento sustentável podem e devem se apropriar das tecnologias sociais.	Interação e Apropriação

**Fonte:** Adaptado de Santos e Paz (2016) a partir de Diógenes e Biscaia (2012)

Tal como já apontado pelos autores Santos e Paz (2016) e Diógenes e Biscaia (2012), no Quadro 3, Gomez et al (2014) corroboram, apresentando alguns fatores para o entendimento de tecnologia social, são eles: a) provoca fortalecimento da democracia pela construção e resultados de baixo custo; b) alta capacidade de adequação e difusão dos projetos, sendo que sua abordagem evidencia a mobilização da sociedade no enfrentamento de problemas sociais; e c) a atuação das instituições de forma integrativa motiva a participação dos diversos sujeitos e estabelece uma rede de relações solidárias nas suas atividades em prol de políticas públicas dirigidas ao desenvolvimento sustentável.

Porém, mesmo com todos os ganhos promovidos, existe uma crítica a ser feita na aplicação da tecnologia social, que segundo Ássimos *et al.* (2017) está relacionada a própria exequibilidade da TS e o cumprimento do propósito estabelecido para sua implementação que é o de solucionar os problemas reais, enfrentados pela população. Os autores concluem que o problema não está

na tecnologia social, mas sim na forma como está sendo utilizada, que segundo eles, por vezes está centrada em interesses maiores, que não o atendimento à realidade do indivíduo. Ou seja, isso ocorre porque a TS, que deveria ser produzida e implementada em uma comunidade para resolução de uma problemática local identificada, por vezes é aplicada sem um estudo prévio sobre a realidade que se pretende trabalhar, sem a ciência devida da própria população e consequentemente sem o envolvimento dessas pessoas, essas falhas no processo geram faltas de elementos primordiais para o sucesso do emprego de uma TS.

### 2.3 Empreendedorismo Social (ES)

De modo semelhante aos termos tratados anteriormente, faz-se inicialmente a delimitação conceitual entre o empreendedorismo corporativo (EC) e o empreendedorismo social (ES). O EC surge num contexto de discussão capitalista, como um novo paradigma econômico, possibilitando, por meio da inovação tecnológica, uma produção mais enxuta e com isso ganhos maiores de produtividade (MELO, *et al.* 2016), portanto, considerado por alguns estudiosos como uma “ideologia do novo espírito do capitalismo” (COSTA; SARAIVA, 2012). Shane e Venkataraman (2000) definem o EC como o estudo das fontes das oportunidades para criar algo novo (novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas, novas formas de organizar as técnicas existentes) e o processo de descoberta, exploração e avaliação para se atingir um fim.

Dessa forma, as premissas que envolve o EC é a exploração do novo com fim específico. Contrapondo a definição exposta, surge um campo de atuação caracterizado por problemáticas não geridas pelo Estado junto à sociedade, com o objetivo de promover soluções para tais questões, o ES. Para Dornelas (2007) o foco do empreendedorismo social está em promover recursos que possibilitem a melhoria da condição de vida do outro, e para isso são fundadas organizações que ocupem esses *gaps* oriundos da falta de gestão do Estado, assumindo a responsabilidade pela geração de respostas à sociedade para essas questões específicas. Essas organizações, segundo Itelvino *et al.*, (2018), devem estabelecer uma gestão eficaz dos seus negócios, de modo que consigam ter retorno financeiro, ainda que esse não seja o seu principal objetivo, para que assim possam gerar os recursos necessários para a capacitação do cidadão. Observa-se por tais argumentos elementos que diferem do EC, assim o quadro 4 exhibe as principais diferenças conceituais entre o empreendedorismo corporativo e o empreendedorismo social, segundo Neto e Froes (2002).

#### Quadro 4- Diferenças entre Empreendedorismo Corporativo (EC) e Empreendedorismo Social (ES)

Empreendedorismo Corporativo (EC)	Empreendedorismo Social (ES)
1) organizacional/mercadológico	1) coletivo/social;
2) produz bens e serviços para o mercado;	2) produz bens e serviços para a comunidade;
3) tem foco no mercado;	3) tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais;
4) sua medida de desempenho é o lucro;	4) sua medida de desempenho é o impacto social;
5) visa satisfazer necessidades dos clientes e ampliar as potencialidades do negócio;	5) visa resgatar pessoas e/ou sociedades da situação de risco social e promovê-las;



**Fonte:** Elaboração própria (2020) a partir de Neto e Froes (2002)

Mesmo considerando essas diferenças entre os termos e suas premissas, o campo conceitual do ES ainda está em desenvolvimento, como afirmam Carmona *et al* (2017) quando relatam que embora tenha crescido o número de pesquisas, ainda não há um conceito consolidado e as definições sobre área e/ou campo de atuação do empreendedorismo social ainda estão em discussão, considerado um campo de estudo relativamente jovem. Indo além, Carmona; Martens e de Freitas (2018), consideram o ES como uma área temática do empreendedorismo se concentrando na busca pela compreensão dos empreendedores sociais, como atores fundamentais, suas iniciativas e a geração de valor social. Ou seja, mesmo com a necessidade de consolidação conceitual do ES, é possível notar a relevância da atuação dos atores sociais que contribuem para que os interesses da coletividade sejam alcançados.

Por sua vez, Sullivan-Mort, Weerawardena e Carnegie (2003) definem o ES como um constructo multidimensional que envolve a expressão do comportamento empreendedor virtuoso para alcançar a missão social. Para isso, consideram a capacidade de reconhecer as oportunidades de criação de valor social e tomada de decisões chave, com inovação, proatividade e a assunção de riscos. No quadro 5, são expostas as dimensões do empreendedorismo social, com seus desafios e objetivos, segundo Melo Neto e Fróes (2002).

**Quadro 5 – Dimensões do Empreendedorismo Social**

Dimensões	Desafios	Objetivos
Psicossocial	1. Mudar comportamentos; 2. Instituir processos de participação; 3. Inovar (vinculado à inserção social); 4. Engajamento da comunidade; 5. Incentivar processos responsáveis e éticos.	Desenvolver o sentido de pertencimento à comunidade com a valorização da cultura e do meio ambiente.
Cultural	1. Preservar a cultura local; 2. Incentivar e criar cultura de autossustentabilidade.	Preservar a cultura local e desenvolver a cultura de autossustentação.
Econômica	1. Gerar renda; 2. Criar empregos; 3. Criar mecanismos de benefícios e financiamento.	Melhorar a qualidade de vida da população.
Política	1. Desenvolver novas e atuais organizações sociais.	Posicionar as organizações sociais junto à sociedade.
Ambiental	1. Assegurar o uso sustentável dos recursos naturais; 2. Reduzir o impacto e criar critérios para sua utilização.	Assegurar as iniciativas de preservação do meio ambiente local.
Regulatória/Institucional	1. Incentivar a criação de políticas públicas para o empreendedorismo social.	Salvaguardar os direitos e deveres das organizações sociais.

**Fonte:** Itelvino (2018) a partir de Melo Neto e Fróes (2002).

Diante de tais premissas que envolvem as dimensões do ES, fica evidente a importância do comportamento empreendedor diante dos desafios gerados, a fim de tornar possível o alcance dos objetivos que norteiam esse campo de atuação do empreendedorismo. Portanto, observa-se que os empreendedores sociais desempenham os seguintes papéis como agentes da mudança: 1) Adotam uma missão para criar e sustentar valor social (não apenas valor privado); 2)

Reconhecem e buscam novas oportunidades para servir essa missão; 3) Agem ousadamente, sem estar limitado pelos recursos atualmente em mãos; e 4) Expõem um senso elevado de responsabilidade aos grupos atendidos em relação aos resultados criados. (BARBOSA; COELHO, 2019)

Assim, segundo Itelvino et al, (2018) as contribuições quanto a melhoria de qualidade de vida, ao desenvolvimento econômico-financeiro, social, espiritual e pessoal dos indivíduos que são alcançados pelas ações empreendedoras em conjunto com os membros da comunidade em que fazem parte, geram para os empreendedores sociais o sentimento de satisfação profissional. Isso porque o que move as ações dos agentes sociais é a busca pelo cumprimento da missão social que promove a geração do valor social, e são essas ações que fazem com que o ES seja tão relevante.

### 3 METODOLOGIA

A fim de atender aos objetivos desse trabalho, foi realizado um estudo qualitativo, por meio de uma revisão sistemática da literatura que compreende um processo de pesquisa documental, replicável e transparente (BOUNCKEN et al, 2015), um método que se dá mediante a identificação e análise de estudos disponibilizados em periódicos e bases de dados existentes, motivado pela busca de respostas a um problema de pesquisa específico (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Esse estudo foi realizado com base nos artigos encontrados na base dos anais dos eventos promovidos pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - ANPAD, nos últimos 5 anos (2015 a 2019), a fim de identificar o estado da arte e estabelecer essa discussão diante de um panorama atual e recente de produções relacionadas as temáticas aqui abordadas.

Para exequibilidade dessa pesquisa, definiu-se como estratégia de busca a utilização de palavras-chave como: “inovação social”, “tecnologia social” e “empreendedorismo social”, e o período delimitador dos últimos 5 (cinco) anos. Como resultado dessa busca, foram selecionados previamente 63 artigos e após estabelecer como critério de seleção a relação entre os termos em qualquer parte do texto, foi realizada uma análise breve (primeira leitura), concentrando esforços na observação das palavras-chave e dos resumos. Então, foram escolhidos para fundamentação desse trabalho, um total final de 27 artigos, número suficiente para promover as discussões que esse estudo se propõe, diante do contexto já apresentado.

### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 27 artigos selecionados, apenas 3 fazem uma análise entre a IS e o ES e um artigo aborda a relação entre IS e TS. Não foram encontrados estudos que abordam a relação entre a TS e o ES e também quanto a relação da tríade aqui proposta. Quanto as buscas isoladas dos termos, temos o seguinte cenário: “inovação social” foram selecionados 13 artigos; “tecnologia social” um total de 5 estudos; e “empreendedorismo social” também 5 artigos, como demonstra a Tabela 1.

**Tabela 1 – Levantamento da Pesquisa**

Eixos Temáticos	1ª Busca	Selecionados	Estudos das Relações
Inovação Social (IS)	42	15*	IS x ES (1); IS x ES (1)

Tecnologia Social (TS)	6	5	-
Empreendedorismo Social (ES)	15	7*	ES x IS (2)
<b>Total Geral</b>	<b>63</b>	<b>27</b>	<b>-</b>

\* 2 (dois) artigos foram encontrados com relação direta a um outro eixo

Fonte: Elaboração própria (2020)

#### 4.1 Conceitos que compõem a Tríade Social (Convergências e Divergências)

As iniciativas sociais se caracterizam como estratégias para a superação dos desafios, por meio de ações voltadas para o atendimento das necessidades sociais (GOMEZ et al, 2014). Assim, as experiências no âmbito social apontam para um trabalho realizado de forma colaborativa, em que diversos tipos de atores se conectam em rede para buscar soluções aos problemas inerentes à uma população menos favorecida (PRIM; DANDOLINI; DA SILVA, 2019).

**Na análise entre inovação social e empreendedorismo social**, como dito anteriormente, foram encontrados 3 (três) trabalhos; o estudo de Melo *et al.* (2016), toma como base as publicações da ANPAD para avaliar a trajetória dos estudos em IS e ES, num período demarcado entre 2004 a 2015; observa que ainda há pouco avanço do campo de conhecimento sobre os temas e também há necessidade de compreensão de pressupostos epistemológicos, e embora não faça uma análise direta entre os eixos temáticos, considera-os como fenômenos variantes, porém possuem na combinação do valor econômico com o valor social um ponto de congruência.

Barbosa *et al.* (2019) realizaram um estudo empírico, por meio do caso específico do Projeto Incluir, para analisar como se dá a relação entre a IS e o ES sob à luz da metodologia da Teoria da Mudança, para tanto ponderam que a inovação social é o próprio projeto em si, uma vez que este é formado pela iniciativa do voluntariado que exerce atividades voltadas para orientação profissional e educação para atender uma população socialmente vulnerável, além disso, ponderam também que a atuação dos agentes sociais, nesse caso, os voluntários, com seus comportamentos empreendedores, promove os recursos (humanos, materiais, financeiros, etc) necessários para o financiamento e, conseqüente existência do projeto. Aqui a identificação de problemas sociais e a promoção de soluções para essas problemáticas, resulta em valor social e é esse o ponto de congruência entre os eixos analisados.

Já Gandhi e Teixeira (2019) fazem suas análises partindo da premissa de que há dois entendimentos distintos sobre essa relação posta: i) o empreendedorismo social visto como uma inovação social; e ii) o empreendedorismo social visto como promotor da inovação social. O primeiro está baseado na compreensão de que a prática do ES já caracteriza uma IS, por seu caráter inovador na busca por soluções à problemáticas sociais, e nesse caso a inovação social aparece como um macrossistema e o ES como parte integrante desse sistema maior. Por sua vez, o segundo entendimento parte da premissa de que são temas distintos, porém possuem pontos de interseções que potencializam a geração de valor social, um desses pontos é a atuação do empreendedor social, e aqui se assemelha com as definições defendidas por Barbosa *et al.* (2019) em seu estudo, uma vez que, considera que por meio do comportamento empreendedor, a fim de encontrar soluções para as problemáticas sociais, utilizam a inovação para criar um produto e/ou serviço que promova mudança social e valor social. Porém, defende que a IS é mais ampla pois não se limita ao ES, mas, além disso, conclui que a principal relação entre esses eixos é a colaboração entre os agentes e a formação de redes.

**Quando analisada a relação entre os conceitos de inovação social e tecnologia social**, foi encontrada apenas uma pesquisa; Franzoni e Silva (2016) em um estudo empírico baseado no caso da cadeia curta de agricultores familiares de Porto Alegre – RS, buscam verificar a relação entre a IS e a TS, para isso verificam se a realidade da cadeia curta de agricultores familiares atende as dimensões, modelos, estágios e características da inovação social e tecnologia social encontrados na literatura, concluindo que a IS se apresenta como um processo baseado na cooperação e integração para promover a solução de uma demanda social e que pode ocorrer por meio da criação de um produto ou técnica reaplicável, ou seja, uma TS. Além disso, o conhecimento produzido, o trabalho realizado junto aos produtores com seus impactos e possibilidade de replicação para outras realidades semelhantes a analisada nesse estudo, auxiliando a melhoria de vida dessas comunidades, também é considerado uma tecnologia social. Esse estudo, fortalece a ideia de que a inovação social é a solução para problemas crônicos sociais e a tecnologia social, por sua vez, se apresenta como as técnicas, produtos/serviços ou metodologias que quando aplicadas irão gerar as soluções que a IS deseja promover.

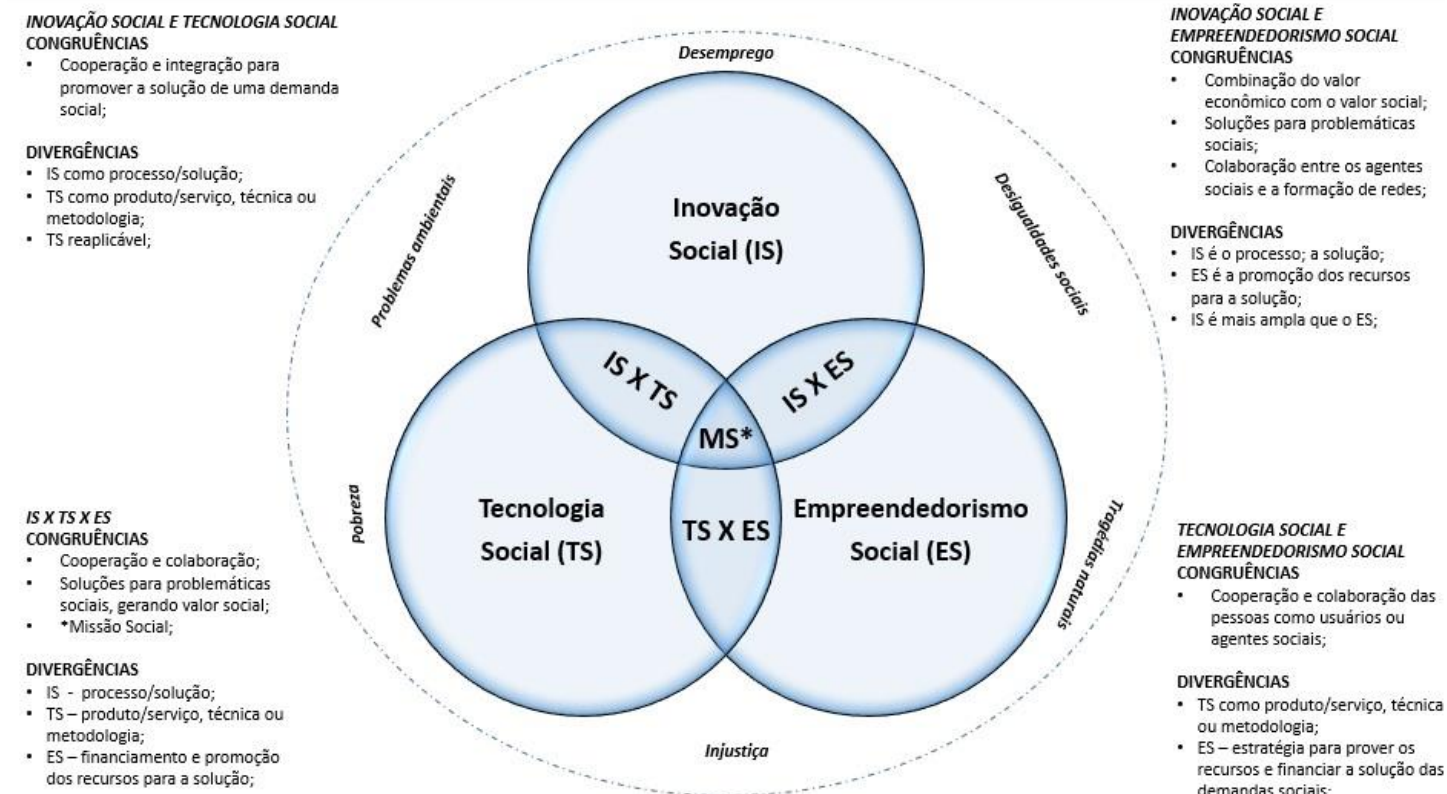
**Quanto a relação entre a tecnologia social e o empreendedorismo social**, que fecha a tríade proposta nesse estudo, como já foi exposto anteriormente, não foram encontrados estudos que percorreram essa trilha de investigação. Vale ressaltar que essa pesquisa está fundamentada em apenas uma base de dados, e por isso esse cenário não é definitivo, porém se apresenta como um forte indício de lacuna de pesquisa, principalmente no cenário nacional. No entanto, diante das leituras feitas dos artigos selecionados para esse estudo que abordam os eixos de forma isolada, é possível perceber que há semelhanças e dessemelhanças, em relação a alguns pontos que compõem os conceitos dos eixos em questão.

A TS como conjunto de técnicas, produtos e/ou serviços ou metodologias que promovem melhoria de qualidade de vida (VALADÃO; ANDRADE, 2015; SANTOS; PAZ, 2016) por considerarem o contexto local de seus usuários e permitirem o processo de construção coletiva das soluções de suas próprias demandas sociais (LE MOS; GUILLAUMUN, 2017). E o ES como um conceito integrador (CARMONA; MARTENS; FREITAS, 2018) que estabelece estratégias para a geração do valor social, por meio da força da cooperação do comportamento empreendedor para o desenvolvimento social e realização da missão social (LIMA, 2015; CARMONA et al. 2017; BONFIM; PARISOTTO; MIRANDA, 2019), sem, contudo, excluir a necessidade de rendimentos que, apesar de não serem a força motriz, se faz necessário para o financiamento e o atendimento das necessidades sociais (CACIATORI JR; TEIXEIRA; CHEROBIM, 2019). Conceitos que demonstram que a cooperação, por meio da participação das pessoas (no caso da TS como usuários que participam da construção coletiva do produto, técnica e/ou metodologia; e no caso do ES como agentes sociais, empreendedores que possuem papel fundamental na promoção dos recursos necessários para o alcance dos objetivos) é um ponto forte de congruência entre os eixos. E a definição da tecnologia social como produto, método e/ou técnica deixa claro a dessemelhança conceitual, uma vez que um dos objetivos do empreendedorismo social é justamente prover os meios de financiamentos para que ao ser implantado esse produto, serviço, técnica e/ou metodologia, o mesmo possibilite a solução de problemas previamente identificados.

Diante das considerações feitas a partir das pesquisas analisadas e as relações estabelecidas, mesmo diante de um campo conceitual ainda em desenvolvimento uma **análise conjunta entre**

os 3 (três) eixos temáticos que compõem a tríade social – inovação social, tecnologia social e empreendedorismo social compõe a Figura 1.

**Figura 1 - Conceitos que compõem a Tríade Social (Convergências e Divergências)**



**Fonte:** Elaboração própria (2019);

Como consta na Figura 1 alguns elementos foram encontrados nos mais diversos conceitos que envolvem esses eixos analisados, elementos que se apresentam como pontos de interseção da tríade social, são eles: a cooperação e colaboração entre os agentes sociais – premissa básica para existência tanto da IS, quanto da TS e/ou do ES; a busca pela solução de uma problemática social, para promover melhoria na qualidade de vida da sociedade e gerar valor social, ou seja, a missão social que se apresenta como o eixo central dessa tríade.

Em linhas gerais como pontos de congruência tem-se que a inovação social é o processo para gerar soluções a problemáticas sociais (CORREIA; OLIVEIRA; GOMÉZ, 2018; CORREIA; BATISTA; MOTTA, 2019; GANDHI; TEIXEIRA, 2019), a tecnologia social se apresenta como a ferramenta, o instrumental, o método para que a inovação aconteça e possa gerar as soluções necessárias (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004; ITS, 2007; FRANZONI; SILVA, 2016) e o empreendedorismo social se apresenta como a estratégia que irá prover os recursos necessários para a implementação da inovação (ITELVINO et al. 2018; GANDHI; TEIXEIRA, 2019).

Além disso, uma outra conclusão oriunda dessa análise, é sobre a complementariedade entre os termos e sendo assim surgem algumas diferenciações entre os conceitos e as relações estabelecidas entre si. Relações de congruência quanto aos fins (o objetivo norteador), mas também de divergências quanto aos meios (parte que cabe a cada eixo no cenário proposto),

entendendo que mais do que congruentes e/ou divergentes, eles são complementares (GOMEZ *et al.* 2014; TRACEY; SCOTT, 2017).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que norteou toda essa pesquisa foi analisar as convergências e divergências dos conceitos de inovação, tecnologia e empreendedorismo social; uma vez que o estudo foi concluído é possível identificar que para além de conceitos convergentes ou divergentes, na verdade essa relação que compõe a tríade social (aqui denominada) é uma relação interdependente, ou seja, são conceitos complementares. Em linhas gerais a inovação social é o processo para gerar soluções a problemáticas sociais (GOMEZ *et al.* 2014), a tecnologia social se apresenta como a ferramenta, o instrumental, o método para que a inovação aconteça e possa gerar as soluções necessárias (DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004; ITS, 2007; FRANZONI; SILVA, 2016) e o empreendedorismo social se apresenta como a estratégia que irá prover os recursos necessários para a implementação da inovação (ITELVINO *et al.* 2018; GANDHI; TEIXEIRA, 2019).

Compreender a tríade social, realizando um paralelo com as premissas TS, IS e ES, torna-se relevante na busca de conhecer as semelhanças e dessemelhanças disponíveis para os três termos, visto que, cada qual tem alcançado desempenho satisfatório no que diz respeito às problemáticas e necessidades sociais. Diante disso, entende-se que esse trabalho contribui com o aprofundamento de uma discussão sobre temáticas que possuem uma relevância significativa para o contexto social, entendendo que os benefícios gerados pela sedimentação desses conceitos, extrapolam os limites teóricos e promovem também um impacto no contexto social.

Alguns limites foram postos diante dessa tarefa, sejam pelos motivos já discutidos anteriormente, ou até mesmo pelas contradições das relações entre TS, IS e ES. Porém, os pontos de congruências identificados fortalecem a discussão de um tema de crescente interesse e busca nos últimos anos, o que pode ser explicado pelo contexto social em que estamos inseridos. Não é uma discussão que se encerra aqui, e nem se pretendia isso, porém abre uma possibilidade para outras discussões a partir desta. Sugerindo-se, inclusive, a execução dessa análise, numa perspectiva teórico-empírica, objetivando a identificação das premissas aqui relatadas num caso prático.

Outro ponto a ser considerado é o fato dessa pesquisa ter sido concentrada no cenário nacional, tendo como fonte de pesquisa, apenas uma base de dados, que, embora seja uma das mais relevantes na atualidade no Brasil, ainda assim pode indicar um limitador desse estudo, permitindo a sugestão de aprofundamento dessa pesquisa tomando como base outras fontes disponíveis no cenário nacional e internacional.

## REFERÊNCIAS

ÁSSIMOS, B. M., de OLIVEIRA, T. Z. G., COELHO, S. C. P., LEITE, A. P. M. Tecnologia Social: A Prática tem Levado sua Razão de Ser à Morte ou a Abordagem Clínica é um dos Caminhos para Cura?. **Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2017.

BARBOSA, F. V., COELHO, N. C., VIEIRA, L. M., de ARAÚJO, P. M., TORGA, E. M. M. F., MEDEIROS, R. Inovação Social e Empreendedorismo: O caso do Projeto Incluir. **XLIII Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2019.

BATAGLIN, J.C. *et al.* Inovação Social: um Estudo da Publicação Científica Internacional por meio da Análise de Redes. **XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD** 2019.

BAVA, Silvio Caccia. Tecnologia social e desenvolvimento local. In: **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3 - 14, 2011.

BONFIM, G.; PARISOTTO, I. R. S.; de Miranda, R. L. Os Estágios do Empreendedorismo Social no Projeto Gastromotiva. **VIII Encontro de Administração Pública da ANPAD – EnAPG**, Fortaleza, 2019.

BOUNCKEN, R. B., GAST, J., KRAUS, S., BOGERS, M. Coopetition: a systematic review, synthesis, and future research directions. **Review of Managerial Science**, 9(3), 577-60, 2015.

CACIATORI Jr. I., TEIXEIRA, R. M., CHEROBIM, A. P. M. S. A Relação entre o Empreendedorismo Social, Sustentável e Ambiental com as Finanças Empresariais: Um Estudo Utilizando Mapas Bibliométricos. **X Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO**, Fortaleza, 2019.

CAJAIBA-SANTANA, G. Social innovation: moving the field forward: a conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 82, p. 42 - 51, 2014.

CARMONA, Viviane Celina et al. Empreendedorismo social: uma perspectiva bibliométrica na área de administração e negócios. **Estudios Gerenciales**, v. 34, n. 149, p. 399-410, 2018.

CLOUTIER, J. 2003. **Qu'est-ce que l'innovation sociale?** Crises, ET0314. Disponível em: <[www.crisis.uqam.ca](http://www.crisis.uqam.ca)>. Acesso em: 28/11/2019

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas**. SciELO-EDUEPB, 2014.

DAGNINO, R.; BRANDAO, F. C.; NOVAES, H. T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: **Fundação Banco do Brasil**, 65-81, 2004.

DA SILVA, R. L. M., SEGATTO, A. P., DE CARLI, E. Do Reconhecimento do Problema Social à Escalabilidade: uma Análise do Processo de Desenvolvimento da Inovação Social. **XLIII Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2019.

DA SILVA NÉTO, A. T., TEIXEIRA, R. M. Mensuração do grau de inovação de micro e pequenas empresas: estudo em empresas da cadeia têxtil-confecção em Sergipe. **RAI - Revista de Administração e Inovação**, 8(3), 205-229, 2011.

DE MEDEIROS, C. B. Panorama da Inovação Social no Brasil pelas Lentes da Pós-graduação Stricto Sensu. **Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2017.

DORNELAS, J. C. **Empreendedorismo na prática-Mitos e Verdades do Empreendedor de Sucesso** (Vol. 7). 2007.

FONSECA, R. Tecnologia e Democracia. In: **Tecnologias Sociais: Caminhos para a Sustentabilidade**. Brasília: Rede de Tecnologia Social, 2010.

FRANZONI, G. B.; SILVA, T. N. Inovação Social e Tecnologia Social: O Caso da Cadeia Curta de Agricultores Familiares e a Alimentação Escolar em Porto Alegre/RS. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 37, p. 353-386, 2016.

GANDHI, I. TEIXEIRA, R. M. Relações Conceituais Entre Empreendedorismo Social E Inovação Social: Uma Revisão Sistemática Da Literatura. **EnEO – Encontro Nacional de Estudos Organizacionais**, 2019.

GEISER, C. M. G., PARISOTTO, I. R. S., FERRARI, D. Projeto de Equoterapia Aliança sob a Perspectiva das Dimensões da Inovação Social. **Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2017.

GOMEZ, C. et al. Inovação Social x Tecnologia Social: Duas faces da mesma moeda. **XXVII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica**, 2014.

ITELVINO, Lucimar da Silva et al. Formação Empreendedora Para Geração De Inovações Sociais. **Gestão & Regionalidade**, v. 34, n. 101, 2018.

ITS – Instituto de Tecnologia Social. **Caderno Debate – Tecnologia Social no Brasil**. Brasília, ITS, 2004.

ITS – Instituto de Tecnologia Social. **Uma metodologia de análise detecnologias sociais**. São Paulo: ITSBrasil, 2007.

LEMOS, M. A. C., GUILLAUMON, S. A Rede de Tecnologia Social: Análise da Articulação à Luz do Conceito de Gestão Social. **Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2017.

LIMA, E. Deixando a Lama para Trás: Empreendedorismo Social, Bricolagem e Efetivação frente a um Grande Desastre Climático. **XXXIX Encontro da ANPAD – EnANPAD**. Belo Horizonte, 2015.

MACKE, Janaina et al. Where do we go from now? Research framework for social entrepreneurship. **Journal of cleaner production**, v. 183, p. 677-685, 2018.

MELO, A. A de. *et al.* Inovação Social e Empreendedorismo Social: Trajetórias Delineadas nas Publicações da ANPAD. **XL Encontro da ANPAD**, 2016.

MULGAN, G., TUCKER, S., ALI, R., SANDERS, B. Social innovation: What it is, why it matters and how it can be accelerated, Skoll Centre for Social Entrepreneurship. **Working paper**, 2007.

MURRAY, R., CAULIER-GRICE, J., MULGAN, G. The open book of social innovation. **The young foundation**, 2010.

NETO, Francisco Paulo de melo; FRÓES, César. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

NICHOLLS, A., MURDOCK, A. The nature of social innovation. In Social innovation. **Palgrave Macmillan**, London, 1-30, 2012.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Manual de Oslo: proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica**. 3. ed. Brasília: FINEP, 2004



POL, Eduardo; VILLE, Simon. Social innovation: Buzz word or enduring term?. **The Journal of socio-economics**, v. 38, n. 6, p. 878-885, 2009.

PRIM, Márcia Aparecida et al. **Elementos constitutivos das redes de colaboração para inovação social no contexto de incubadoras sociais**. 2019.

ROCHA; R. O. *et al.* Inovação Social: Revisão Bibliográfica dos Estudos de Casos Publicados na Base de Dados do SPELL e Anais da ANPAD. **XLI Encontro da ANPAD**, 2017.

SAMPAIO, R. F., MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, 11(1), 83-89, 2007.

SANTOS, R. A., PAZ, J. G. Tecnologia Social: Estudo de Caso do Projeto Profissão Catador. **XL Encontro da ANPAD – EnANPAD**, Costa do Sauípe, 2016.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. **Inovação e competitividade nas MPEs brasileiras**. Brasília, DF, 2009.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25. n. 1. p. 217-226, jan. 2000.

SILVA, M. N., CAVALCANTE, N. W. F. Inovação Social: um estudo de caso sobre o grupo Comida da Gente. **XLIII Encontro da ANPAD – EnANPAD**, São Paulo, 2019.

SILVEIRA, Franciane Freitas; ZILBER, Silvia Novaes. Is social innovation about innovation? A bibliometric study identifying the main authors, citations and co-citations over 20 years. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management**, v. 21, n. 6, p. 459-484, 2017.

SOUSA, I. G. B., SEGATTO, A. P., DA SILVA, R. L. M. Análise do uso de teorias organizacionais em estudos da inovação social: uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional. **Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração - EnANPAD**, São Paulo, 2017.

TRACEY, Paul; STOTT, Neil. Social innovation: a window on alternative ways of organizing and innovating. **Innovation**, v. 19, n. 1, p. 51-60, 2017.

VALADÃO, J. A. D., DE ANDRADE, J. A. Consolidação de uma Tecnologia Social Inovadora: Característica Translativa da Pedagogia da Alternância. **XXXIX Encontro da ANPAD – EnANPAD**, Belo Horizonte, 2015.

WESTLEY, F., ANTADZE, N. Making a difference: Strategies for scaling social innovation for greater impact. **The innovation journal: the public sector innovation journal**, 15(2), 1-19, 2010.

ZAHRA, Shaker A. et al. A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. **Journal of business venturing**, v. 24, n. 5, p. 519-532, 2009.